



ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO: ABORDAGEM LÚDICO PEDAGÓGICA NA CONSTRUÇÃO DE APRENDIZAGENS DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

FONTANA, Jurema Catarina Bastos¹

Palavras-Chave: Autismo. Atendimento Educacional Especializado. Lúdico. Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

Em tempos em que a educação inclusiva permeia a construção de novos paradigmas, onde a reflexão e redimensionamento de práticas pedagógicas são necessários, no sentido de garantir a democratização do acesso e a permanência de todos os alunos na escola, o AEE – Atendimento Educacional Especializado, é uma possibilidade para desenvolver atividades diferenciadas, respeitando a singularidade de cada sujeito.

A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva contempla a oferta do Atendimento Educacional Especializado (AEE) de forma complementar ou suplementar, em sala de recursos multifuncionais, no turno inverso a escolarização do ensino regular. Os alunos com TEA - Transtorno do Espectro do Autismo fazem parte do público alvo a ser atendido pelo professor do AEE, que dentre as diversas atribuições, tem a responsabilidade de identificar e elaborar propostas pedagógicas adequadas às necessidades educacionais dos alunos.

Os transtornos do espectro autista (TEA) são um grupo de transtornos do neurodesenvolvimento que tem em comum uma tríade bem definida de sintomas, caracterizada por déficits na interação social e comunicação, bem como um repertório restrito de interesses. (Riesgo, 2016)

O presente estudo tem como objetivo descrever algumas abordagens lúdico pedagógicas realizadas com alunos com TEA, assistidos através do AEE em escolas públicas da região Noroeste do Rio Grande do Sul.

¹ Graduada em Pedagogia, Especialista em Docência, Gestão e Apoio Pedagógico na Escola Básica; Especialista em Ensino pela Pesquisa e Aprendizagem por Projetos; Professora de AEE da rede Municipal de Fortaleza dos Valos e rede Estadual de Ensino. bastosfontana@gmail.com



METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo, tipo relato de experiência, desenvolvido no AEE de escolas públicas, localizadas na região Noroeste do Rio Grande do Sul. O critério de inclusão foi: alunos devidamente matriculados nas escolas, registrados no senso escolar como alunos com TEA. Como instrumento na realização do mesmo, utilizou-se entrevistas com a família, observações e atividades lúdico pedagógicas diversificadas, com o intuito de contribuir na construção de aprendizagens dos referidos alunos.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ser professora de AEE é um desafio constante, pois trabalhamos com alunos que apresentam diferentes deficiências, exigindo de nós a elaboração de um plano de atendimento individualizado, respeitando cada um de acordo com suas limitações e possibilidades. Quando iniciei no AEE, meu primeiro atendimento foi um aluno com autismo de nível três (severo) onde em princípio não sabia exatamente o que fazer, existia em meus pensamentos algumas teorias que, naquele momento não tiveram muito significado. Ele estava ali, na minha frente e eu precisava trabalhar, então pensei: Ele é uma criança e isto vem antes do autismo. Este pensamento me acalmou e simplesmente comecei a brincar, cantar, proporcionar materiais sensoriais diversificados, fazer passeios pelo bosque, ir à pracinha... Meu aluno não verbalizava nenhuma palavra, apresentava estereótipias e caminhava muito. Quando eu proporcionava atividades que exigiam mais foco, eu o colocava sentado junto comigo na mesma cadeira, de costas para mim, meus braços e pernas o firmavam enquanto minhas mãos colaboravam na tarefa a ser realizada. Busquei leituras e alguns cursos que me orientassem no sentido de desenvolver um trabalho pedagógico que realmente acrescentasse aprendizagens na vida dos meus alunos, bem como sempre priorizei ouvir a família, que na maioria dos casos, significava ouvir as mães. Logo em seguida, a demanda de alunos com TEA aumentou significativamente, quanto mais eu tentava compreender e aprender, mais alunos surgiam para os atendimentos, foi onde percebi que é adequado referir-se a AUTISMOS, pois cada um trás consigo suas singularidades e histórias de vida distintas.

O grande foco na educação escolar deve estar no processo de aprendizagem e não nos resultados, porque, nem sempre, eles virão de maneira rápida e como esperamos... a escola que possui sala de recursos terá condições de desenvolver habilidades específicas. Normalmente, a concentração para atividades pedagógicas é pequena. Mas, ainda que seja exíguo o tempo de atenção, a perseverança, em repeti-lo dia após dia, de maneira lúdica e agradável, produzirá resultados. (Cunha, 2015)



Quando aprendi a observar mais cada aluno com TEA que estavam no AEE, percebi que eles sinalizavam o momento que eu podia desenvolver o que havia planejado, procurando trabalhar com jogos e brincadeiras, mostrando como se faz, usando os interesses da criança, ampliando o seu repertório e estimulando as possibilidades existentes em todos eles. Trabalho em escolas públicas, carentes de recursos, então comecei a confeccionar alguns recursos pedagógicos utilizando materiais recicláveis. Mesmo algumas atividades sendo simples, no momento que havia objetivos claros e funcionais, elas se revestiam de significados. Brincar com bolhas de sabão através de movimentos e tons de voz diferentes, aos poucos foram me trazendo os olhares que eu tanto buscava. Brincar com água, areia, tinta, materiais sensoriais, fotos, gravuras, música, balanço, escorrega... enfim, práticas cotidianas realizadas com serenidade, perseverança e alegria.

Não precisamos de esquemas complexos ou mirabolantes para aplicar ideias pedagógicas. O nosso cotidiano é feito de coisas simples. Quanto mais associamos a prática escolar a conteúdos significantes, mais tornamos a experiência do aprendizado profícua. (Cunha, 2015).

Para alguns alunos, o simbólico estava melhor elaborado, outros ainda não, necessitando de intervenções mais pontuais. Também busquei ajuda na tecnologia, com histórias, vídeos e jogos no computador.

Em relação ao desenvolvimento de aprendizagens, posso dizer que todos tiveram avanços, alguns na linguagem, outros na socialização, educação psicomotora e também em relação à alfabetização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar este relato, gostaria de destacar a importância da presença do professor como mediador de aprendizagens, onde num primeiro momento se faz de forma mais diretiva, colaborando nas experimentações, nas descobertas e contatos. Conforme o tempo vai passando, alguns alunos demonstram crescimento no sentido de não necessitar tanto da intervenção constante do professor, alguns sinais de autonomia começam a tomar forma.

É fundamental que o professor nutra uma elevada expectativa em relação à capacidade dos alunos de progredir e não desista nunca de buscar meios que possam ajudá-los a vencer os obstáculos. O sucesso da aprendizagem está em explorar talentos, atualizar possibilidades, desenvolver predisposições naturais de cada aluno. As dificuldades e limitações são reconhecidas, mas não conduzem/restringem o processo de ensino, como comumente acontece. (Mantoan, 2008).



XVIII

Seminário Internacional de Educação no MERCOSUL

II Mestrado de Tecnologias
na Educação a Distância
III Mestrado de Trabalhos
Científicos do PIBID
VI Curso de Práticas Socioculturais
Interdisciplinares
VIII Encontro Estadual de
Formação de Professores



Acredito na importância do conhecimento, o TEA realmente é desafiador, devido justamente a ser um espectro, por isso, para mim tornou-se algo fascinante. Trabalhar no AEE significa acreditar que TODOS são capazes de aprender, que as etapas vão sendo construídas com perseverança, sensibilidade e comprometimento. Não temos o direito de prever até onde um sujeito é capaz de se desenvolver, atualmente a neurociência comprova a plasticidade cerebral e sabe-se também da importância do brincar neste processo de conexões cerebrais. Os desafios e estímulos devem ser lançados, como sementes na terra, alguns irão frutificar, talvez outros não, mas teremos a convicção de que cumprimos nosso papel de educadores.

REFERÊNCIAS

CUNHA, Antônio Eugênio. *Práticas Pedagógicas para inclusão e diversidade*. 5. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2015.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér (org.). *O Desafio das Diferenças nas Escolas*. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

ROTTA, Newra Tellechea; OHLWEILER, Lygia; RIESGO, Rudimar dos Santos (org.). *Transtornos da Aprendizagem: abordagem neurobiológica e multidisciplinar*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2016.